

O Senhor Brecht

O naufrágio

Apenas o hipopótamo e o seu dono escaparam ao naufrágio, saltando para cima de um pequeno bote.

O hipopótamo era o ganha-pão do homem e por isso quando o pequeno bote se começou a inclinar para o lado onde estava a animal, o homem ficou preocupado com a possibilidade de este se afogar. Para evitar que a pequena embarcação se desequilibrasse completamente o homem cortou um pedaço do hipopótamo e comeu-o, o que também era oportuno pois começava a estar com fome. O pequeno pedaço tirado ao hipopótamo permitiu que o bote recuperasse o equilíbrio entre os dois lados, como uma balança. Mas por pouco tempo. Novamente o bote começava a ir ao fundo do lado do hipopótamo. Este, apesar do bocado que lhe fora retirado, ainda era mais pesado que o seu dono. O homem decidiu então comer mais um pedaço do hipopótamo. Depois de o fazer, olhou para o barco e viu que ainda não era suficiente: tirou mais um bom bocado do animal e comeu-o. O barco recuperou o equilíbrio.

A viagem durou ainda algumas semanas e o homem, de seis em seis horas, via-se obrigado a cortar mais um bocado do animal.

Talvez não fosse a solução perfeita, mas não poderia correr o risco de perder o hipopótamo.

O estrangeiro

O homem entrou para o coro, mas insistia em cantar individualmente uma canção que só ele conhecia.

O maestro, que gostava de integrar todas as pessoas, cheio de boa-vontade, pediu ao novo elemento para lhes ensinar a canção.

Esta, no entanto, era numa língua que mais nenhum elemento dominava.

O homem explicou que, para cantarem com ele, teriam primeiro que aprender aquela língua pois só assim conseguiriam absorver por completo o significado de cada palavra da canção. O homem começou assim a ensinar a língua aos outros elementos do grupo, passando por regras de gramática, questões etimológicas e por fim pelas entoações correctas.

Passados dois anos os elementos do grupo estavam finalmente aptos a cantar aquela canção na língua que haviam aprendido arduamente.

Ensaíram vezes sem conta. Todos os elementos do coro estavam entusiasmados. Marcou-se a estreia, mas o homem não compareceu.

E nunca mais ninguém o viu na cidade.

A revolta

Para o Rei era fundamental que toda a população, sem exceção, estivesse satisfeita.

Quando apareceu aquele estrangeiro extremamente feliz e com seis dedos em cada mão, o Rei ordenou que os médicos do Reino implantassem mais um dedo em cada um dos habitantes. E que os médicos fizessem o mesmo uns aos outros. Ninguém invejaria os seis dedos daquele estrangeiro.

Assim se fez. Todos ficaram com seis dedos em cada mão.

No ano seguinte chegou outro estrangeiro – com um ar ainda mais feliz – que tinha sete dedos em cada mão.

O Rei de novo ordenou que os médicos do Reino implantassem mais um dedo em cada um dos habitantes. Assim foi feito.

No ano seguinte um estrangeiro com oito dedos por mão, que não parava de exibir a sua felicidade, provocou nova implantação geral: oitavo dedo.

No ano seguinte: um estrangeiro com nove dedos. E ainda mais feliz.

A mesma operação. Todos os do Reino ficaram com nove dedos em cada mão. Dezoito no total.

Foi então que no ano seguinte chegou um estrangeiro com o rosto mais feliz que alguma vez fora visto por ali e com cinco dedos em cada mão.

Depois de um momento de hesitação, o Rei ordenou aos médicos que cortassem quatro dedos por mão a cada habitante.

Havia um problema, no entanto. Os nove dedos em cada mão dos cirurgiões já não conseguiam operar: os dedos atrapalhavam-se uns aos outros. Já não era possível: teriam que ficar todos com nove dedos em cada mão.

Como o Rei não conseguiu dar à população os cinco dedos daquele estrangeiro feliz, rebentou uma revolta, e o Rei foi deposto.

A justiça

Dois irmãos gémeos, muito invejosos um do outro e que dividiam sempre tudo, entre os dois, ao milímetro, porque apreciavam acima de tudo a justiça, viram um dia nascer na sua quinta comum um animal estranho.

Esse animal tinha a anatomia de um burro, na parte da frente, e a anatomia de um cavalo, na parte de trás. Como estavam convencidos de que as duas patas de trás (de cavalo) eram bem mais rápidas que as patas da frente (do burro), cada gémeo queria montar a parte de trás do animal, deixando a parte da frente para o irmão. Cada um deles estava convencido de que, em viagem, chegaria primeiro o que estivesse montado sobre as patas mais rápidas.

Como ninguém abdicava da melhor parte decidiram, para equilibrar, amputar uma das patas de cavalo. Um deles montaria assim sobre uma pata de cavalo e o outro sobre duas patas de burro. Assim fizeram. No entanto, depois de olharem de novo para o animal não chegaram a acordo.

Não sabiam bem o que era mais vantajoso, mas definitivamente o animal ainda não estava equilibrado; e ninguém queria ser prejudicado. Para serem justos, teriam que continuar a cortar.